



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS



Escola de Administração
de Empresas de São Paulo

Escola de Administração de Empresas de São Paulo
Fundação Getúlio Vargas
NPP - Núcleo de Pesquisas e Publicações
Série Relatórios de Pesquisa

A AVENIDA PAULISTA COMO PÓLO DE EXPRESSÕES PÚBLICAS E COLETIVAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Heitor Frúgoli Jr.

Relatório N° 1/1996



**ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO da
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS**

Diretor: Alain Florent Stempfer
Vice-Diretor Acadêmico: Wilton de Oliveira Bussab
Vice-Diretor Administrativo: Domingo Zurrón Ocio
Chefia do NPP: Gisela Black Taschner
Comissão de Pesquisas e
Publicações: Antonio Carlos da Cunha Manfredini de Oliveira
Carlos Osmar Bertero
Claude Machline
Fernando Cláudio Prestes Motta
Gisela Black Taschner (Presidente)
Marcos Henrique Nogueira Cobra
William Eid Júnior

Impresso na Xerox Document Center da EAESP/FGV
Coordenação: Seiji Okuda
Editoração: Graciema Cavalcanti Bullara
Capa: Sônia da Silva Okuda

RESUMO

O presente relatório discute uma das significativas dimensões da Avenida Paulista na cidade de São Paulo: sua crescente ocupação para manifestações políticas, articuladas principalmente por categorias profissionais como bancários, funcionários públicos, professores e metalúrgicos, além de outras mais abrangentes como os protestos pelo *impeachment*, liderados por setores estudantis. O principal objetivo é analisar a visibilidade privilegiada adquirida por essas manifestações, e por conseguinte a importância desse espaço em sua dimensão pública na metrópole.

PALAVRAS-CHAVES

Política; Espaço público; Manifestações; Protestos; Cidadania; Categorias profissionais

ABSTRACT

This paper discusses one of the most meaningful dimensions of Paulista Avenue in the city of São Paulo: its increasing occupation with political demonstrations, especially by professional categories such as bank employees, civil servants, teachers and steel workers, as well as other wider protests, like those in favor of Collor's impeachment, by the student sector's leadership. The main objective is to analyze the distinctive visibility acquired by these demonstrations, and consequently the importance of this avenue in its public dimension in the metropolis.

KEY WORDS

Politics; Public space; Demonstrations; Protests; Citizenship; Professional categories

SUMÁRIO

Resumo	1
I. Introdução	3
II. Visibilidade das manifestações e impacto no trânsito	4
III. Cartografia das manifestações e principais grupos sociais	7
IV. Protestos na Avenida Paulista e poder público	12
V. Principais atores sociais nas manifestações da Avenida Paulista	14
1. Presença dos bancários na Avenida Paulista: perfil e ocupação das ruas	14
2. APCEF e transformação do pátio da CEF em local de manifestações	21
3. Professores da rede estadual: passeatas na Paulista e assembleias no vão livre do MASP	25
VI. Manifestações dos estudantes pelo impeachment: a referência da Avenida Paulista	28
VI. Conclusões	37
VII. Anexos	41
Anexo 1	42
Anexo 2	47

A AVENIDA PAULISTA COMO PÓLO DE EXPRESSÕES PÚBLICAS E COLETIVAS NA CIDADE DE SÃO PAULO (1)

Heitor Frúgoli Jr. (2)

I. INTRODUÇÃO

Esse relatório sintetiza os principais resultados sobre o conjunto de manifestações políticas, articuladas à prática da cidadania, organizadas especialmente - ainda que não exclusivamente - por diversas categorias profissionais no espaço da avenida Paulista, que tem se tornado um local de expressão pública de grande visibilidade numa metrópole como São Paulo.

No presente levantamento - que faz parte de um estudo mais amplo, intitulado "Avenida Paulista: sociedade e cultura em São Paulo", para futura defesa de tese de doutorado (3) - procurei levantar o material da grande imprensa e dos periódicos editados pelas próprias categorias profissionais, traçar uma tipologia dos eventos realizados, das principais categorias profissionais envolvidas, dos movimentos mais abrangentes e de caráter poli-classista e das repercussões decorrentes na cidade e na sociedade, visando compreender em profundidade fatores determinantes da dimensão pública da Av. Paulista.

Vale lembrar aqui o que já foi exposto no relatório anterior, onde analisei a esfera cultural da Avenida (4): trata-se de uma primeira sistematização do material coletado, que poderá ser eventualmente retomada, complementada ou enriquecida de outros dados, fatos e informações em análises futuras.

1 - Relatório de pesquisa finalizado e entregue ao NPP em setembro de 1995.

2 - Agradecimentos à profa. Maria Arminda do Nascimento Arruda, Luiz Hossaka, Celso Buendía, Mauricio Alvim, Nilton Hernandez, Paulo César Ribeiro, Gilmar Carneiro, Ricardo Berzoini, Maria das Mercês, Luiz Henrique Toledo, Roberto Avallone, Olímpio da Silva Içá, Luiz Vianna e a outras pessoas que contribuíram com o trabalho mas que não foram aqui lembradas. Minha especial gratidão a Marco Aurélio Chagas Martorelli, Ann Mische e à profa. Liliana R. Petrilli Segnini, pelo empréstimo de valiosos materiais.

3 - Projeto para o Concurso de Seleção no Programa de Pós-Graduação em Nível de Doutorado, Deptº de Sociologia, FFLCH, USP, jan./1993, 11 p.

4 - Ver "As atividades culturais no eixo da avenida Paulista". NPP/EAESP/FGV, abril/1995, 32 p.

II. VISIBILIDADE DAS MANIFESTAÇÕES E IMPACTO NO TRÂNSITO

Um dos pressupostos centrais dessa pesquisa é o de que a Avenida Paulista é um espaço de forte centralidade na metrópole, concentrando setores significativos do capital financeiro e sedes do poder econômico, abrigando um variado agrupamento de edifícios ligados a várias etapas da arquitetura mundial, um conjunto crescente e diversificado de atividades culturais, além de revelar recentemente uma outra fonte de atração, segundo uma pesquisa recém-publicada: sua atração exercida nos paulistanos pela presença expressiva de equipamentos de alimentação - restaurantes, bares e lanchonetes - e de comércio (5).

Além das dimensões citadas, o conjunto de manifestações políticas, regularmente praticadas na avenida, também revela um fator fundamental na definição da densidade que esse espaço central e simbólico exerce contemporaneamente na cidade.

Uma das hipóteses que essa pesquisa busca trabalhar é o de que a circunscrição da avenida como espaço público privilegiado para manifestações organizadas começa a se articular fundamentalmente a partir dos meados da década passada, durante o processo de redemocratização da sociedade brasileira (6).

A partir desse período, várias manifestações, ocorridas sobretudo no centro tradicional - em espaços públicos como a Praça da Sé, Vale do Anhangabaú, Praça Ramos de Azevedo e Praça da República - vieram a se somar às que passaram crescentemente a ocorrer na avenida Paulista, que se consolidou, na entrada dos anos 90, como um espaço de massas de razoável visibilidade na cidade.

5 - Ver F. MELLO, "Pesquisa aponta problemas da Paulista". O Estado de São Paulo, S. Paulo, 21/07/1995, p. C4; segundo levantamento do Escritório de Pesquisa Eugênia Paesani com 303 pessoas, o item que mais atrai na Paulista são bares, restaurantes e lanchonetes (80,2%), seguido de comércio (76,2%) e bancos ou firmas (69,6%).

6 - Obviamente, os protestos políticos não vêm se dando na Paulista exclusivamente a partir dos anos 80. Há menções a manifestações feitas por operários da indústria têxtil em 1917, conflitos entre tropas paulistas e fuzileiros navais do governo que chegavam de Santos durante a revolução de 1924, e um protesto comunista em 1936, todos ocorridos na Paulista (ver "Avenida espelha humor dos paulistanos". Folha de São Paulo, S. Paulo, 20/11/1991, p. 7-13). Entretanto poderia se objetar que, quanto à grande greve geral de 1917, houve a ocupação de inúmeros espaços da cidade, entre os quais teria figurado a Avenida, valendo o mesmo a respeito da abrangência espacial da ocupação de S. Paulo em 1924 pelas tropas rebeldes ao governo. Sabe-se inclusive que o "pólo irradiador" de ambos os movimentos se deu notadamente nos bairros fabris (ver Richard MORSE, Formação Histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole. Ed. Difel, S. Paulo, 1970, p. 286 e 316).

O depoimento de Maximino A. Boschi, agente cultural do SESC, há anos minucioso observador do dia-a dia da Paulista, sintetiza boa parte do que se diz acerca da Avenida como espaço de manifestações de massa:

“... a grande massa pensa na Paulista como espaço de festa ou da performance do dia da vitória, ou como espaço de reivindicação das classes trabalhadoras, que trabalham a vinte quilômetros daqui e vêm gritar aqui, exatamente, porque o eco é muito mais forte.

‘Perg. - Porque o eco é muito mais forte na Paulista?’

Porque aqui estão as sedes das federações dos trabalhadores. Pelo menos, as duas mais fortes, do comércio, aqui, e da indústria, onde é o SESI. Então, tudo que ocorre aqui, tem uma cobertura muito maior e muito mais fácil, também. Como ela é uma artéria, do ponto de vista até da circulação de trânsito, qualquer número grande de pessoas, quaisquer centenas de pessoas paralisa a Paulista. Você paralisando a Paulista, você paralisa a Rebouças, a Consolação, a Avenida Jabaquara, a Vinte e Três de Maio e por aí vai...

Eu diria que a Paulista seria a “veia aorta”. Você seccionando, muda todo o metabolismo do seu corpo e os órgãos começam a ser paralisados. Então, ela recebe uma atenção maior, exatamente por isso. Há uma questão geográfica, também, de posicionamento dentro da cidade. Você faz algo na Praça da Sé, é um evento isolado. Ali é, de certa forma, confinado. O Anhangabaú, também, ele é um espaço único, que não interfere tanto nos outros. Aqui não, você parando a Paulista, você para a cidade. Este é o aspecto, além da presença das federações. E já se consagrou, independente de mil outras razões que possam ser colocadas: foi escolhido para isso e está acabado” (?).

O depoimento de outra agente cultural, Maria Lúcia Pereira, Diretora da Divisão de Difusão Cultural do SESI/Paulista, complementa com outras razões propícias à passeata:

“Bom, onde mais que as pessoas podem se reunir? O Anhangabaú é muito desagradável. Precisa construir um palanque para você fazer alguma coisa lá. Aqui, não precisa nada. Você tem a escadaria do Objetivo, quer dizer, é um lugar para você andar mesmo, é uma avenida. É um lugar para você andar, para você fazer a passeata, ele é plano, você não se cansa. Você tem a condução para a pessoa chegar para a passeata, para a manifestação. E tem o espaço para andar” (8).

A visão de Edison Musa - Presidente da Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (ASBEA) - realça aspectos dos depoimentos acima. Interrogado sobre o recente e polêmico projeto da Prefeitura de criar na Avenida um corredor de transportes nos moldes do já existente na Av. Stº Amaro e Nove de Julho, afirmou que qualquer mudança na Avenida deveria a princípio levar em conta o equilíbrio de duas funções: que ela é uma importante via de circulação de veículos e um fórum de manifestação da população (9).

Entretanto, o consenso sobre o fato da Avenida ter se tornado um amplo espaço de manifestações não significa necessariamente que haja concordância que tais ocupações políticas devam necessariamente ocorrer ali, como mostra Maria Margarida C. Limena, autora de uma tese de mestrado sobre a Paulista:

“No início de 93, quando quase todos os dias eram realizados protestos na Avenida, em algumas de suas esquinas liam-se faixas com a inscrição “Deixem-nos trabalhar”, de autoria desconhecida, que poderia ser de empresários, dos usuários da Avenida ou dos ‘paulistanos’ imbuídos da responsabilidade do trabalho” (10).

8 - Entrevista concedida em 02/03/1995.

9 - Ver L. H. GAZZOLA, “Paulista deve ter equilíbrio entre trânsito e lazer”. O Estado de São Paulo, S. Paulo, 12/08/1995, p. C6. O mencionado projeto da Prefeitura de fazer na Paulista um corredor de transportes semelhante ao da Nove de Julho e Sto. Amaro levantou uma polêmica com ampla repercussão, comprovando novamente a importância, em muitos níveis, da Avenida na cidade. Ver a respeito as matérias do “O Estado de São Paulo”: M. FOLGATO e F. MELLO, “Plano pode fazer da Paulista um Sto. Amaro”, 26/07/1995, p. C8; M. FOLGATO, “Metrô pode substituir ônibus na Paulista”, 31/07/1995, p. C1; M. FOLGATO, “Arquitetos têm idéias radicais para a Paulista”, 01/08/1995, p. C8; F. MELLO, “Projeto propõe estreitar calçadas da Paulista”, 03/08/1995, p. C7; “Paulista pode ser o segundo ‘atropelódromo’”, 04/08/1995, p. C4; H. NOGUEIRA, “Vítimas de corredor querem preservar Paulista”, 05/08/1995, p. C4; R. GAZZI, “Paulistanos rejeitam corredor na Paulista”, 06/08/1995, p. C1; H. NOGUEIRA, “Entidades rejeitam corredor na Paulista”, 07/08/1995, p. C3; L. H. GAZZOLA, “Maluf abrirá debate sobre projeto na Paulista”, 08/08/1995, p. C4; F. MELLO, “Projeto da Paulista divide até Prefeitura”, 09/08/1995, p. C8; L. H. GAZZOLA, “Parcerias podem ser solução para a Paulista”, 10/08/1995, p. C4; M. FOLGATO, “Instituto de Engenharia debate Av. Paulista”, 11/11/1995, p. C3; L. H. GAZZOLA, “Empresários são contra corredor na Paulista”, 18/08/1995, p. C1.

10 - Maria Margarida C. LIMENA, Avenida Paulista: As imagens da Metrópole. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC/SP, 1994, p. 164.

A fala de Luiz Hossaka - Conservador-Chefe Adjunto do Museu de Arte de São Paulo (Masp), ligado ao museu desde 1949, e que acompanhou toda sua implantação na Paulista a partir dos anos 60 - é de certa forma simpática aos movimentos na Paulista, mas não propriamente no vão livre do Masp, onde muitos deles se concentram:

“Nós temos, realmente, que criar condições para que esse espaço (o vão livre do Masp) seja usufruído culturalmente, artisticamente, mas que também seja um espaço que a pessoa possa passear, sentar, ficar e espairecer um pouco. Agora, quando temos essas manifestações de greve aí, realmente, tumultua todo o trabalho nosso, porque o caminhão fica num ponto que você não consegue trabalhar, é um som violento, sabe? Que tremem as coisas aqui no museu quando eles abrem o som...”

“Aí está: se você não ocupa um espaço, alguém vem e ocupa. Nós não ocupamos ainda porque realmente não temos a verba para fazer essa coisa toda”.

“É muito importante sim, só que estão fazendo no lugar errado, não? É a minha opinião, mas para eles é certo, porque aqui está o “símbolo do capitalismo explorador”, aquela coisa toda, banco, “então vamos encher o saco”... Bom, vai fazer em frente da Fiesp, diabo, vá fazer em frente do Sesc! Mas aqui?”

‘Perg. : Por que elas acontecem aqui?’

Por causa do espaço, porque lá não tem espaço para congregar...”⁽¹¹⁾

II. CARTOGRAFIA DAS MANIFESTAÇÕES E PRINCIPAIS GRUPOS SOCIAIS

Fala-se portanto razoavelmente da ocupação política da avenida Paulista, e um levantamento preliminar indicou vários grupos que a tornam um importante espaço de manifestações de massa, com destaque para os bancários, metalúrgicos, sem-

11 - Entrevista concedida em 03/07/1995. Ver o mesmo tipo de problema quanto ao Projeto Som do Meio Dia, realizado no vão livre do Masp, no relatório anterior.

teto, funcionários da Saúde, professores, estudantes secundaristas e universitários e militantes, entre outras ⁽¹²⁾.

Apesar dessas referências, não há ainda um trabalho sistemático de acompanhamento dessa utilização, sua intensidade, frequência, a confirmação acerca dos principais atores sociais envolvidos, suas demandas centrais, além das razões que os levam a procurar a Avenida, o impacto na cidade, etc.

Uma circunscrição estatística razoável das manifestações dos últimos anos pode ser obtida através dos dados disponíveis na Companhia de Engenharia de Tráfego - CET - , empresa prestadora de serviços à Prefeitura Municipal, responsável pela gestão e planejamento do trânsito em São Paulo.

Pelo papel que desempenha, a CET dispõe de dados estatísticos sobre todas as ocorrências que implicam em algum tipo de alteração no tráfego: colisões, acidentes, atropelamentos, defeito em semáforos e em automóveis, entulho na pista, obras, blitzes policiais, etc., incluindo aí as passeatas, carreatas e todo tipo de manifestações públicas que interfiram no ritmo regular do trânsito.

Em 1991, durante a gestão de Luiza Erundina, houve a determinação que se iniciasse um processo de informatização da imensa quantidade de dados disponíveis visando otimizar o trabalho, e um dos produtos foi uma espécie de “memória das operações”, resultante de uma sistematização detalhada das ocorrências havidas entre 01/06/1992 e 30/10/1993.

Posteriormente, as manifestações políticas - sobretudo passeatas e carreatas - foram separadas num levantamento à parte, com um mapeamento que permitiu uma visualização desses acontecimentos em toda a cidade.

A cartografia dessas manifestações se reveste de particular importância, primeiro porque cobre um período onde ocorreram expressões coletivas com razoável intensidade, uma vez que durante parte do segundo semestre de 1992 aconteceram

¹² - Ver o projeto de pesquisa apresentado ao NPP em março/1995.

os movimentos da sociedade civil pelo *impeachment* do ex-presidente Collor; segundo, porque permite situar geograficamente os locais mais importantes dessas manifestações, confirmando o expressivo papel da avenida Paulista.

Vejamos os dados, relativos a recortes em distintos períodos:

- 1 - Entre junho/1992 e maio/1993 ocorreram em São Paulo 287 manifestações (164 no 2º sem./1992 e 123 entre jan. e maio/1993), sendo que 53 destas (18,4%) ocorreram na Paulista; o mapa de incidência de manifestações e passeatas desse período aponta o centro tradicional como 1º colocado (região com 45 a 50 passeatas/manifestações), indicando a Paulista em 2º lugar (com 40 a 45) e a região da Dr. Arnaldo, próxima à Paulista, como a 3ª (com 20 a 25 no período); se juntarmos entretanto a Paulista e a Dr. Arnaldo num mesmo eixo, essa região superaria o centro tradicional em quantidade de manifestações (13);
- 2 - Num recorte um pouco maior, entre junho/1992 e novembro/1993, ocorreram em São Paulo 370 manifestações, das quais 64 (17,3%) ocorreram na Paulista, caindo apenas 1% com relação ao período enfocado no item anterior (14);
- 3 - Um levantamento recente sobre 1995 realizado pela CET - que retomou parte do que havia feito no período 92/93 - , revelou que entre janeiro e maio houve na cidade um total de 113 manifestações, das quais 13 (11,5%) ocorreram na Paulista; nesse caso, observa-se uma queda da porcentagem de manifestações na Avenida, o que talvez tenha relação com uma maior resistência de setores da sociedade quanto a protestos que tragam transtornos à cidade, como veremos adiante (15).

Outro recorte possível refere-se à busca de alguma especificidade quanto aos grupos que se manifestam na Avenida: eles constituiriam um perfil distinto do verificado no

13 - Ver Gráfico comparativo de passeatas e manifestações (período: junho/92 a maio/93). Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, Diretoria de Operações, Superintendência de Engenharia de Tráfego, Gerência da Central de Operações, São Paulo, 1993 e Mapa de incidência de manifestações e passeatas no Município de São Paulo (01/06/1992 a 31/05/1993), Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, São Paulo, 1993. A menção à Paulista na faixa entre 45 a 50 passeatas está abaixo de outro dado apontado mais acima pelo próprio CET, de 53, porque só incorporou as realizadas ali - 46 -, mas não outras 7 cujo destino final foi a Avenida.

14 - Ver Gráfico de passeatas e manifestações (período: junho/92 a novembro/93). Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, Diretoria de Operações, Superintendência de Engenharia de Tráfego, Gerência da Central de Operações, São Paulo, 1993.

15 - Ver Gráfico de passeatas e manifestações (período: janeiro a maio/95). Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, Diretoria de Operações, Superintendência de Engenharia de Tráfego, Gerência da Central de Operações, São Paulo, 1995. Ver também A. Augusto, "Passeatas infernizam a avenida", *Jornal da Tarde*, S. Paulo, 05/05/1995, p. 7B.

conjunto da cidade, ou seja, a Avenida daria visibilidade a um conjunto distinto de atores sociais?

Procurei confrontar os dados disponíveis na CET a respeito, no sentido de uma circunscrição inicial do tema:

- 1 - No período de junho/1992 a maio/1993, das 287 passeatas e manifestações em São Paulo, 43 (14,9%) ocorreram em set./1992 e 47 (16,3%) em maio/1993, meses de dissídio de várias categorias;
- 2 - Dessas, as mais expressivas em quantidade foram feitas por estudantes [35 (12,2%)], pró-*impeachment* [20 (6,9%)], sem-terra [17 (5,9%)] e por taxistas [14 (4,9%)]; entretanto a metodologia aqui é imprecisa, pois separa, por exemplo, manifestações estudantis das ligadas ao *impeachment*; de toda forma, poderíamos somá-las apenas para um quadro genérico, totalizando 55 (19,1% do total) ⁽¹⁶⁾.

Analisando os dados disponíveis sobre as 53 manifestações na Paulista ocorridas no período (ver Anexo 1), os dados do CET atestam a princípio os seguintes aspectos:

- 1 - Uma predominância estudantil e pró-*impeachment* no período, num total de 12 (22,6%), um pouco acima da porcentagem para toda a cidade ⁽¹⁷⁾;
- 2 - O calendário político das eleições municipais (militantes em campanha e comemoração da vitória) esteve presente em 6 oportunidades (11,3%);
- 3 - Um quadro amplamente diversificado de grupos sociais, com setores que tradicionalmente se manifestam na Paulista - bancários, metalúrgicos, professores da rede estadual, funcionários públicos -, além de taxistas, sem-teto e da presença de minorias - idosos, militantes do movimento negro, evangélicos, carecas (skinheads), etc.;

16 - Gráfico comparativo de passeatas e manifestações (período: junho/92 a maio/93), op. cit. Outra possível imprecisão diz respeito à confusão comum entre sem-terra e sem-teto.

17 - O mesmo não ocorrendo quanto à porcentagem dos sem-terra e taxistas (3º e 4º lugares no levantamento geral).

- 4 - Chama a atenção, no mapeamento dos espaços escolhidos pelos grupos na Paulista, a importância estratégica tanto do vão livre do Masp como do prédio da TV Gazeta, enquanto fortes referências de aglutinação e visibilidade dos movimentos.

Passando para uma atualização dos dados, relativa a parte do 1º semestre de 1995, foi constatado, com relação à cidade de São Paulo, que das 113 manifestações ocorridas entre janeiro e maio, 24,2 % foram feitas por moradores (protestos principalmente contra atropelamentos, enchentes e falta d'água), 23,2% foram realizadas por funcionários públicos (19% desses ligados à Saúde) e 12,1% por condutores de ônibus.

Quanto às passeatas ocorridas na Paulista no período (ver Anexo 2), pode-se inferir o seguinte:

- 1 - Segundo o CET, 23,0% foram ligadas a funcionários públicos (ver o significativo papel dos funcionários da Saúde): nesse caso o grupo de maior destaque na Avenida (funcionários) não coincide com o grupo em 1º na cidade (manifestações de moradores) ⁽¹⁸⁾.
- 2 - Professores e Vigilantes, ambos com 15%, ficaram com o 2º lugar (embora as passeatas dos professores tenham sido muito superiores numericamente);
- 3 - Nesse recorte, a Paulista novamente daria visibilidade a um tema que vem permeando a sociedade brasileira: a crise e reforma do Estado, que se manifesta nesse caso através dos protestos dos funcionários da área estadual [vide os funcionários da área da cultura ⁽¹⁹⁾] e municipal, quanto aos cortes de verbas, más condições de trabalho e baixos salários; já no caso dos professores, seus manifestos são mais permanentes (ver período 92/93), em função de suas precárias condições profissionais.

18 - Embora não se esclareça o caráter de massa desses movimentos de moradores (talvez sejam movimentos pouco expressivos numericamente). De toda forma, os protestos (com relação a enchentes, atropelamentos, falta d'água) atestam demandas de uma população desassistida pelo Estado.

19 - E. C. BONASSA. "Cultura pretende contratar sem concurso". Folha de São Paulo, S. Paulo, 25/01/1995, p. 1-12.

IV. PROTESTOS NA AVENIDA PAULISTA E PODER PÚBLICO

A avenida Paulista é alvo de particular atenção por parte da CET, com um volume acentuado de veículos - que chega a 4,5 mil/hora nos horários de rush, um dos maiores volumes em se tratando de uma avenida semaforizada -, e possui segundo a CET uma característica geográfica peculiar, pois não faz ligações nitidamente radiais (bairro-centro ou vice-versa), mas funciona como uma espécie de pólo distribuidor de itinerários, com ligações entre bairros ⁽²⁰⁾.

Já em 11/04/1989 o então Secretário da Segurança Pública Luiz Antonio Fleury Filho - posteriormente Governador do Estado de São Paulo - proibira a utilização da Avenida Paulista para passeatas. Em maio de 1993 a questão desse uso foi retomada em outros termos pela CET: dada a constatação de um número elevado de manifestações de rua na cidade - seriam 47 ao todo naquele mês, com 8 delas na Paulista -, foi contatada a Comissão de Defesa Civil - COMDEC -, no sentido de tentar organizar as passeatas em horários apropriados ou tentar fazer com que estas não acontecessem mais ali, como relata o engenheiro Celso Buendia - Coordenador da Central de Operações da CET:

“... uma reunião foi motivada pela CET, no sentido de que a gente tentou cumprir em duas etapas. É uma coisa que não está abandonada, eu acho que é por aí o caminho, é a discussão mesmo, todo mundo sentar e criar um determinado entendimento consensual sobre esses assuntos. Numa primeira etapa, órgãos públicos sentaram à mesa, coordenados pela Defesa Civil do Município, tentando discutir a utilização da Paulista. A utilização é um fato, você não pode negar, a gente conviveu no mês de maio - foi exatamente em maio de 93 - com o maior número de passeatas, de concentrações - normalmente passeatas são até mais problemáticas, porque é uma massa que se movimenta e começa a ampliar ainda mais o reflexo de prejuízo de trânsito. Então, quando sentou esse grupo, se discutiu, se pensou a Paulista, e eu já falei dos reflexos, da possibilidade de reflexos a uma distância muito grande, e tem a pressão do complexo hospitalar que eu não sei precisar, mas é um número

20 - Dados obtidos na entrevista concedida por Celso Buendia, Coordenador de Operações da Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, em 04/08/1995.

acentuado, um número bem extenso de hospitais, uma rede, alguns deles expoentes, como o Hospital das Clínicas, talvez um dos maiores do país e tudo mais... E, nessa hora, sentou-se à mesa numa primeira etapa, porque a segunda etapa seria exatamente estar se sentando com as organizações trabalhistas, estudantis, eclesiais, e tentar se discutir o que o órgão público como um todo pensa. E nessa hora, quer dizer, eu como representante da CET - sem questionar o caráter social de uma passeata - , quer dizer, tinha a tarefa e tinha a incumbência de tentar... não seria bem convencimento, de discutir a não realização de passeatas na Paulista” (21).

A primeira reunião envolveu representantes da CET, PM, CPTran, Secretaria da Saúde e Corpo de Bombeiros, sendo que a segunda, que abarcaria as organizações da sociedade civil, acabou não ocorrendo. O principal argumento levantado pela CET para a não realização de passeatas na Paulista seriam os prejuízos quantificáveis, levando em conta o tempo e extensão do congestionamento e a quantidade de veículos envolvidos, decorrendo em maior emissão de poluentes, maior gasto de combustível, e perda de produtividade (que poderia ser calculada levando em conta o salário médio dos motoristas).

Os dados levantados até aqui circunscrevem aspectos irrefutáveis da configuração da Paulista como espaço de manifestações, passeatas e carreatas, seu significativo peso na cidade do ponto de vista estatístico, os impactos urbanos que tais protestos geram, as oposições a tais movimentos por parte de moradores e trabalhadores do seu entorno, além de algumas sanções do poder público, incluindo a constatação de que isso já se tornou um problema técnico envolvendo aspectos políticos, analisando a visão e os encaminhamentos da CET sobre o assunto, enquanto organismo responsável pela otimização do trânsito na cidade.

O próximo passo será estabelecer como o espaço da Avenida tornou-se um local significativo do ponto de vista das manifestações políticas na ótica dos grupos sociais - notadamente determinadas categorias profissionais - que ao longo do tempo tem ocupado a Paulista para tais fins.

21 - Entrevista concedida em 04/08/1995.

V. PRINCIPAIS ATORES SOCIAIS NAS MANIFESTAÇÕES DA AVENIDA PAULISTA

1. PRESENÇA DOS BANCÁRIOS NA AVENIDA PAULISTA: PERFIL E OCUPAÇÃO DAS RUAS

Um dos grupos profissionais fundamentais não só na prática da cidadania no espaço público da Paulista, mas na caracterização de boa parte de seu cotidiano enquanto centro financeiro, é a categoria dos bancários.

Um dos estudos da socióloga Liliana Segnini - que vem pesquisando em profundidade o fenômeno bancário em São Paulo ⁽²²⁾ - trata da realidade do trabalho dos caixas de dois bancos - BANESPA e BRADESCO - , em agências ao longo da avenida Paulista:

“A partir de la década de los sesenta, el capital financiero se expandió en Brasil en forma monopólica, a través de técnicas económicas y políticas engendradas por el estado militar. En lo alto de la colina, la Avenida Paulista pasó a ser ocupada por las “acrópolis” del nuevo tiempo: los bancos. Hoy, la Avenida se caracteriza por ser el mayor centro financiero del Brasil. La arquitectura de la nueva “acrópolis” trae consigo la marca del capital monopolista. Hormigón armado, mármol y vidrio construyen los nuevos templos que, en tanto no remiten a la cultura de un pueblo sino a los tipos arquitectónicos de la internacionalización del capital, bien podrían estar en cualquier metrópolis del mundo moderno. Dentro de estos nuevos “templos” se desarrolla el proceso de trabajo bancario” ⁽²³⁾.

A autora aponta como esses caixas estão situados num espaço permeado por várias determinações de modernidade - pelas inserções no capital financeiro, no espaço

22 - Ver Liliana R. P. SEGNINI, *Bradesco: a liturgia do poder*. Tese de mestrado, PUC/SP, 1986, 375 p.

23 - Liliana R. P. SEGNINI, “Innovación tecnológica y calificación profesional en el sector bancario: aspectos relativos a las condiciones de trabajo de los cajeros” in: Maria Antonia GALLART (org.), *Educación Y Trabajo*, Rep. de Publicaciones de CINTERFOR, Montevideo, abril/1992, p. 169. As metáforas utilizadas pela autora se inspiram em fala de Décio Pignatari, que “... participando de un debate en la PUC/SP, comparó las acrópolis griegas (del siglo VII A.C.) con los grandes bancos construídos en la avenida Paulista de San Pablo (1960/1990). Explicaba su comparación en razón de las acrópolis haber sido construídas en la cima de colinas, en el lugar más alto de las ciudades, como espacio religioso de reverencia a los dioses que protegían y ejercían control sobre sus habitantes” (L. SEGNINI, *op. cit.*, p.168/169).

urbano da Paulista, e em condições de trabalho com rápidas modificações tecnológicas, introduzidas pelo processo de automação - ao mesmo tempo que são submetidos a um processo estafante de trabalho, mal remunerado (onde erros são de sua inteira responsabilidade), além de terem de zelar pela imagem do banco na relação direta com os clientes, que é marcada por conflitos e ambigüidades.

Nessa pesquisa, Liliana Segnini mostra como, a menos na época, o perfil dos empregados dos dois bancos enfocados era claramente distinto: no BANESPA os empregados adentravam após concurso público, possuíam uma escolaridade mínima de 2º grau completo, tinham um dos mais altos salários do mercado, contavam com um estatuto próprio de estabilidade no trabalho e constituíam um dos grupos mais reivindicativos do sistema financeiro - a partir dos canais de participação instituídos desde a gestão Franco Montoro - ; no BRADESCO, entretanto, a seleção se dava basicamente pela adequação ao ideário disciplinador da instituição, a escolaridade mínima para o caixa era de 1º grau, havia uma dos maiores índices de rotatividade de pessoal - com contratos regidos pela CLT - e caracterizavam-se pelo nível mais baixo de participação nos movimentos reivindicativos do Sindicato dos Bancários⁽²⁴⁾.

Entre os depoimentos colhidos, vários caixas valorizavam o espaço da Paulista e a seletividade de sua clientela, o que lhes conferiria muitas vezes maior status na atividade junto aos parentes, amigos, colegas de outras agências, etc., embora para outros isso fosse indiferente, pois o salário seria idêntico ao de outras agências, sendo vantajoso trabalhar ali principalmente devido à facilidade de acesso, o metrô, etc.⁽²⁵⁾.

Outro fator que auxilia a configurar melhor um perfil dos bancários da Paulista diz respeito ao tipo de bancos predominantes ao longo da Avenida. Apesar de chamada de principal centro financeiro do país, o centro tradicional abrigava em 1994 o maior percentual das agências bancárias paulistanas (18,3% das 1.538 então existentes), enquanto os Jardins contavam com 10,6% desse montante [incluindo a Paulista, que contava com 95 agências (6,1% do total da cidade)]⁽²⁶⁾.

24 - Ver L. SEGNINI, *op. cit.*, 1992, p. 170.

25 - Esses dados serão trabalhados em profundidade numa outra ocasião, por não se relacionarem diretamente com os objetivos desse relatório.

26 - Ver N. BLECHER, "Mapa revela concentração bancária", Folha de São Paulo, S. Paulo, 02/05/1994, s. p.

Em termos de categoria bancária, a Paulista continua sendo, segundo Gilmar Carneiro - ex-presidente e um dos atuais diretores do Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região, ligado à CUT - o segundo centro financeiro de São Paulo, com um perfil distinto do centro:

“A Paulista começa a ter uma vida sindical já na década de 70, em função da matriz do Banco Mercantil de São Paulo, que é ali do lado do Masp. Depois foi construída a matriz do Banco Real... Foi uma coisa da década de 70 - eu não me lembro se foi em 75, 76, mais ou menos -, e antes disso tinham agências, mas é na década de 80 que se dá o boom mesmo, de vir uma grande quantidade de bancos para a Paulista, e Ela ficar, praticamente, uma Avenida de bancos. Muitos bancos que estavam no centro vieram para a Paulista. Mesmo assim, nós ainda temos uma grande concentração de bancários no centro...”

“... o grosso das operações bancárias no centro são operações de pessoa jurídica, não são tanto de pessoa física. Comparativamente, são agências altamente lucrativas as que operam com pessoas jurídicas, com muito capital de giro. E aí, essas agências de pessoa jurídica começam a vir também para a Paulista, junto com as direções das empresas. Agora, a nível da categoria bancária, a nível de concentração bancária, a Paulista ainda continua como o segundo centro financeiro”.

“Em termos de quantidade de bancos, hoje a Paulista tem mais, porque os bancos múltiplos, a grande maioria está na Paulista: são os chamados “bancos aéreos”, assim, do 23º andar ao 15º. Esses bancos de negócios que se generalizaram já no final da década de 80, são bancos de 100, 200 funcionários.

‘Perg.: E estes estão concentrados na Paulista?’

Estão concentrados na Paulista, porque é um local onde... são bancos pequenos, bancos de negócio, onde as diretorias tem mais fácil acesso, as diretorias do banco vem de carro e já entram direto no prédio” (27).

27 - Entrevista concedida em 26/07/1995.

Para o atual presidente do Sindicato dos Bancários, Ricardo Berzoini, o perfil do bancário da Paulista se aproxima do padrão das classes médias, embora não seja propriamente homogêneo:

A origem social do bancário da Paulista, normalmente, é de família de classe média. Na maioria das vezes - principalmente o bancário caixa e escriturário - não é o principal salário. É um estudante, certo? Outro bancário da Paulista é o bancário que mora na Zona Leste, pega o metrô leste, passa para o norte - sul, passa para o ramal Paulista, e vem para cá. Tem muito disso também. Mas o perfil típico da Paulista é um perfil mais de classe média. Se você for, por exemplo, à periferia de Sto. Amaro, ou à periferia da Zona Leste, o bancário é de família mais humilde, é um cara de concepção de vida mais simples do que o bancário da Paulista. Óbvio que não é uma regra geral, pois na Paulista também deve ter muito bancário que vem da periferia para trabalhar” (28).

O trabalho bancário na Avenida Paulista traria, segundo Gilmar Carneiro, a necessidade de um maior cuidado com a preparação visual, além de conferir um certo status:

“... a grande diferença da Paulista com o Centro é o charme. Se você analisar o visual do bancário da Paulista para o bancário do Centro, ele é diferente... Mesmo ganhando o mesmo salário, o bancário da Paulista gasta mais com roupa do que o bancário do Centro, entendeu? Porque como ele trabalha em prédios mistos, escritórios, de bancos e tudo, e o clima da Paulista é um clima mais chique - é herança do “senhor do café” - , então o pessoal não vem trabalhar com uma roupa qualquer, vem trabalhar com a melhor roupa que tem...”

“E muitas vezes, a pessoa trabalhando no Centro tem mais acesso para ir para a escola, tem mais acesso para ir para casa, do que trabalhando na Paulista. Mas ele acha que trabalhando na Paulista ele faz carreira mais fácil, é mais fácil de subir na empresa. Pode ser até que do ponto de vista de você ter mais oportunidade de trocar de emprego, a Paulista seja melhor, porque, ao invés de você ter grandes corporações, você tem múltiplas e pequenas corporações, e isso facilita você estar conhecendo

28 - Entrevista concedida em 26/07/1995.

outras empresas e ter mais oportunidade de emprego. Mas do ponto de vista salarial, da mesma organização, não tem diferença. Agora, do status, da vaidade, a Paulista tem mais, é uma coisa que se desenvolveu” (29).

A ocupação do espaço público da Paulista pelos bancários deve ser resgatada, antes de tudo, na história recente de greves da categoria. Um marco histórico na classe foi a greve de 1985. A direção do Sindicato de São Paulo, que assumiu naquele ano, imprimiu uma maior unidade de ação com os outros sindicatos do país, e além da luta das campanhas salariais, engajou-se num programa sistemático de oposição à Nova República, além de lutar pela convocação de uma assembléia constituinte (30).

A organização resultou na primeira greve nacional da categoria depois do golpe militar (31), ocasião em que os bancários ocuparam as ruas de forma organizada, causando, na visão de Leila Maria da Silva Blass “... um forte impacto em seus protagonistas, permanecendo na memória coletiva enquanto movimento emblemático” (32).

Um papel estratégico nessa greve e nas posteriores foi desempenhado pelas “comissões de esclarecimento”:

“Um grupo de bancários aproxima-se com faixas e cartazes nas imediações de uma agência que está funcionando e procura paralisar suas atividades por meio de anúncios de palavras de ordem, de cantos, músicas tocadas e cantadas, discursos no megafone, conversas ou mesmo nas calçadas diante das portas dos estabelecimentos bancários. Essas comissões organizaram a greve, portanto, de fora para dentro dos bancos, levando os bancários(as) a ocupar o espaço público das ruas, praças e avenidas da cidade. A greve ganharia assim visibilidade política” (33).

29 - G. CARNEIRO, *op. cit.*

30 - A História dos Bancários: lutas e conquistas (1923-1993). Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região, São Paulo, 1994, p. p. 115, 118 e 119.

31 - A História dos Bancários, *op. cit.*, p. 122).

32 - Leila Maria S. BLASS, *Estamos em greve: imagens, gestos e palavras do movimento bancário*. Ed. Hucitec/ Sindicato dos Bancários de São Paulo, São Paulo, 1992, p. 175.

33 - Leila M. S. BLASS, *op. cit.*, p. 140 (grifos da autora).

Um nome informal das comissões de esclarecimento é “me dê motivo”:

“... porque você vem aqui (na agência) e você fica na porta, e aí quando o gerente perguntar no outro dia: “ah, mas por que você não entrava?” “Porque o sindicato estava na porta, eu não queria criar confusão...” (34)

Já em 1985 a Paulista apareceria como um dos espaços de visibilidade da greve, segundo um interessante relato na grande imprensa citado por Leila Blass:

“A Folha de S. Paulo reconhece que na região da Avenida Paulista, considerada “o maior centro de decisão econômica e financeira da América Latina”, somente a agência central do Banco Real e o Citibank funcionam no primeiro dia da greve, graças às comissões de esclarecimento que caminham ao longo da Avenida, acompanhadas por “um coro, invariavelmente, bem humorado”. De vez em quando parodiam comerciais veiculados, na época, pelos bancos localizados nessa Avenida. Assim, por exemplo, em frente ao Sumitomo, “recitam em japonês”; defronte do Itamarati, do Banorte, do BCN, do Auxiliar, dizem “vinte e cinco, francamente, achei barato” ou então, “desculpa, foi engano” em frente do Sudamérica, que é uma financeira e não um banco comercial” (35).

O levantamento de dados feito no Centro de Documentação - CEDOC - do Sindicato dos Bancários, centrado principalmente no “Folha Bancária” - periódico diário da categoria - e em fotos disponíveis sobre as manifestações de greve - que ocorrem em geral em setembro de cada ano, data-base da categoria - , aponta o centro da cidade ainda como o principal espaço de expressões coletivas dos bancários, local onde ocorrem muitas assembléias, as passeatas mais numerosas - como a dos 60 mil bancários, em set./1986 - além da ocupação mais intensa por parte das comissões de esclarecimento (36).

Entretanto, nota-se como aos poucos cresce a importância da Avenida no sentido de realçar a visibilidade do movimento grevista, principalmente os protestos em frente

34 - G. CARNEIRO, op. cit.

35 - Leila M. S. BLASS, op. cit., p. 140.

36 - Embora a maioria das assembléias ocorra em dependências do Sindicato, segundo levantamento das fotos disponíveis no seu Centro de Documentação - CEDOC.

a sedes de bancos mais inflexíveis nas negociações (37): durante a campanha salarial de 1990, há fotos de fevereiro com manifestação na Avenida (38); fotos de passeata durante a greve geral de maio (39); fotos de junho - já na greve contra a política salarial do governo Collor - com comissões de esclarecimento em frente à sede do Banco Real (com aproximadamente 100 pessoas); novamente em setembro do mesmo ano, com comissões de esclarecimento mais numerosas (por volta de 200 pessoas) e um carro de som, realizando um “arrastão” por toda a Avenida (com paradas sob o vão livre do Masp, em frente ao Banco Safra, etc.), além de menção a um ato público em frente à sede do Banco Mercantil (40); no ano seguinte, há fotos de uma carreata do Sindicato na Avenida, em janeiro, enquanto em setembro, em outra greve, há registros fotográficos de comissões de esclarecimento na região (41).

Outras manifestações mais recentes na Avenida aconteceram, por exemplo, ao término do ano passado, na luta da categoria pelo pagamento do 13º salário integral por parte de alguns bancos (devido à recusa da Febraban em converter o adiantamento do mesmo pela URV de 30/06), quando uma pequena passeata na pista dos ônibus acompanhou três atores - um deles representando Jesus Cristo com uma cruz, outro um padre e um terceiro um repórter de televisão, com representações bem humoradas -, como a que ocorreu em frente ao Banco Francês Brasileiro (42).

Pude inclusive presenciar pessoalmente uma concentração pontual de bancários na Avenida em 09/03/95, em frente ao Banco Itaú, com palanque, faixas, distribuição de panfletos e apresentação de bandas, promovida pelo Sindicato.

Dessa forma, pode-se afirmar que o centro da cidade, dotado da maior quantidade de bancos, ainda representa o espaço de principal referência e visibilidade nas lutas salariais dos bancários. Quanto à Paulista pode-se frisar sua crescente importância

37 - “O Real é um banco muito difícil, o Mercantil de São Paulo, o Econômico aqui... esse Econômico, a gente teve uma greve em 93, que a gente parou, e não entrou nem a diretoria dentro do banco. Era tal o nível de acirramento, que a diretoria não aceitava que o sindicato entrasse”, nas palavras de Ricardo BERZOINI, *op. cit.*, sobre os bancos da avenida Paulista.

38 - História dos Bancários, *op. cit.*, p. 140.

39 - História dos Bancários, *op. cit.*, p. 141.

40 - Respectivamente, fotos do CEDOC de 20/06, 12/09 e 14/09/1990; ver também o Folha Bancária, Edição diária do Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região, São Paulo, periódicos de junho e setembro/1990.

41 - Fotos do CEDOC, 17/01 e 11/09/1991.

42 - Fotos do CEDOC (autoria de Augusto COELHO), de 20/12/1994; ver também “Sindicato exige 13º integral já”, Folha Bancária, São Paulo, 21/12/1994, p. 1.

enquanto espaço, pela presença de várias sedes - incluindo algumas ligadas a bancos de difícil negociação -, com uma atuação determinante das comissões de esclarecimento, dos “arrastões”, passeatas e carreatas de pequeno porte, de atos públicos ou manifestações em frente a determinadas sedes - principalmente, mas não exclusivamente, em períodos de greve -, sendo que sua paralisação integral só ocorre em momentos de crucial importância para o movimento:

“Porque como eu já falei, a dinâmica do bancário da Paulista é diferente. Então, por exemplo, no centro não tem trânsito, você pode fazer uma passeata. Aqui, para você fazer uma passeata, para parar a Paulista, você causa tanto transtorno, que como a gente sempre trabalhou com a idéia de nunca prejudicar a população - nós trabalhamos para ela ser nossa aliada e não estar contra nós -, só paramos a Paulista nas atividades como um fator de extrema necessidade, para obrigar o banqueiro a negociar com a gente. Você não pode usar a Paulista como um pretexto, parar a Paulista com 500 pessoas e parar o trânsito inteiro é um rolo desgraçado... Se isso virar coqueluche, você se desqualifica, o movimento vira contra você ao invés de virar a favor de você” (43).

2. APCEF E TRANSFORMAÇÃO DO PÁTIO DA CEF EM LOCAL DE MANIFESTAÇÕES

Um importante aliado dos bancários - e que veio a se refletir em termos de visibilidade para o próprio movimento e para outros na Avenida Paulista - são os funcionários da Caixa Econômica Federal, por uma conjunção de fatores.

Sua Sede Regional em São Paulo - SUREG -, que até 1970 funcionara num prédio próximo à Praça da Sé, fora transferida naquele ano para um edifício de 25 andares, abrigando por volta de 1,3 mil funcionários, na Avenida Paulista. A Sede da Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal - APCEF, por sua vez, passou a ocupar a partir de 1985 um andar de um edifício também situado na Paulista e vizinho à SUREG, pertencente à FUNCEF (Fundação que cuida da complementação

43 - G. CARNEIRO, *op. cit.*

das aposentadorias da CEF) - apelidado pelos empregados de “fusão preto”, por ser inteiramente envidraçado, em tom escuro (44).

Com a localização tanto da Sede Regional - concentrando os setores da alta administração - quanto da Associação de Funcionários na avenida, o local - mais precisamente, um grande espaço aberto entre os dois edifícios, conhecido como o pátio da CEF - passou a ser, a partir de 1985, um espaço onde os funcionários tornaram visível a luta vitoriosa pela transformação da categoria de “economiários” - como eram identificados até então - num segmento da categoria dos bancários, com direito à jornada de 6 horas e à sindicalização:

“... começamos a fazer as primeiras manifestações, e o primeiro “piquetão” que a gente fez lá - foi em outubro de 85 - funcionou esplendorosamente. Nós conquistamos o direito à sindicalização e fizemos uma passeata: fomos até a Gazeta - eu particularmente não participei, porque eu tinha virado duas noites sem dormir na organização de tudo isso, e desmaiei depois da greve, no carpete...”

“Suplicy fez um discurso belíssimo no final, você imagine que esse movimento político, nessa altura, tinha participação de muita gente que já fazia parte do PT. Você ia fazer uma manifestação, você contava com o apoio do Suplicy. No ano seguinte o Suplicy seria candidato a Prefeito de São Paulo, ele estava trabalhando muito, efetivamente, nessas questões dos movimentos populares.

‘Perg. : Nessa época já era usual ter passeatas na região?’

Não, nós rompemos. Eu me lembro que era grande novidade, porque, inclusive, a passeata foi decidida assim: ‘Vamos? Vamos!’ Não tinha nada marcado. Aliás, essa passeata não foi uma passeata, foi um desfile, nós estávamos como num desfile de uma escola de samba, extravasando a alegria por termos conquistado. Quando chegamos na porta da Gazeta, lá virou, com aquela escadaria fantástica do cine Gazeta... ali a própria TV Gazeta se interessou, uma TV pobre que não tem dinheiro

44 - Baseado em informações de Paulo César RIBEIRO, administrador do Museu da CEF e em “A mudança da APCEF (quase voluntária...)”. Espaço, Jornal da APCEF, Ano VII, nº 44, São Paulo, nov./1993, p. 9.

para fazer grandes locações, se fizer na porta dela, ela divulga e faz de tudo, não é?” (45)

A partir de então, um ponto importante de referência para as manifestações da APCEF - com uma politização que repeliu seu anterior caráter beneficente (46) - passou a ser o pátio em frente à sua Sede Regional, por vezes ligadas às suas próprias demandas (piquetes de greve, atos públicos, assembléias), e em outras ocasiões integradas ao movimento sindical bancário mais abrangente (atos públicos conjuntos, ida de comissões de esclarecimento, etc.) (47).

A junção espacial das sedes da CEF, da APCEF e um espaço privilegiado para aglomerações foi, segundo Maurício Alvim, essencial para o movimento:

“... porque nós estávamos lá. A sub-sede do Sindicato dos Bancários, que tem na Avenida Paulista - hoje está ali numa travessa da Carlos Sampaio - , ela teve um papel fundamental, mas não conseguiu se transformar num ponto de aglomeração. Nós tínhamos a vantagem de estar lá: vai montar uma manifestação, descia a aparelhagem de som e esticava um fio da janela, sem problemas... Como você faz uma manifestação de rua? Você precisa ter som, certo? Como você transporta eletricidade? Jogava da janela o fio, facilitava tudo” (48).

Uma vez consolidado como espaço de manifestações, o pátio da CEF também passou a abrigar protestos de grupos como os sem-teto, dada a função social da CEF, sua gestão das verbas do FGTS, do SFH, etc. Com a presença regular de vários grupos para determinadas reivindicações frente ao Estado, a APCEF tentou sem sucesso torná-lo um espaço de utilidade pública, pois não contou com o aval da CEF nem

45 - Entrevista concedida em 31/07/1995 por Maurício ALVIM, Presidente da APCEF.

46 - Ver S. PAULA, “A barra de ser independente”, Espaço, Ano III, nº 17, São Paulo, março/1989, p. 8, sobre a transformação da Associação Beneficente dos Economiários Federais de São Paulo - ABEF, na atual APCEF, EM 1987.

47 - Baseado em levantamento do arquivo de fotos da APCEF e de matérias do jornal “Espaço”, op. cit.

48 - M. ALVIM, op. cit.

dos outros edifícios que mantêm o pátio dentro de regras condominiais⁽⁴⁹⁾.

As manifestações do Sindicato dos Bancários, junto ao papel da APCEF no pátio da Sede da CEF, reforçou segundo Maurício Alvim o surgimento de outros movimentos na Avenida:

“... na Paulista se centralizaram grandes sedes de bancos - o Banco Safra, o Banco Itaú tem uma grande unidade ali, o Banco Mercantil de São Paulo - , e em todos esses bancos começamos a fazer manifestações de porta, que é um elemento que o Sindicato dos Bancários trabalha muito: a manifestação de rua. Quando a gente começa a fazer isso em todas as portas dos bancos, começa-se a criar uma cultura. Se lembrar que a Avenida Paulista é também um corredor que leva ao Hospital das Clínicas, onde os Servidores Públicos Estaduais da Área de Saúde também tem acesso. Se você estiver na Dr. Arnaldo e quiser fazer uma passeata, você só tem duas opções: ou vai para a Pompéia ou para a Paulista. E vai para a Paulista, certo? Vai descer a Rebouças? Não tem para onde ir na Rebouças. Então, a Paulista, antes de mais nada, do ponto de vista da direita, ela está estrategicamente muito mal localizada... (risos)”⁽⁵⁰⁾

O posicionamento político da APCEF após sua sindicalização, a defesa dos empregados e a exigência do comprometimento da CEF com os interesses da maioria da população - incluindo o papel da APCEF de enfrentamento da gestão Collor até o *impeachment*, que será abordado adiante - foram as razões, segundo Maurício Alvim, que levaram que a sede da APCEF fosse retirada da avenida Paulista.

Através de medidas jurídicas movidas pela CEF e pela FUNCEF - ligadas à cobrança de pagamentos de condomínios elevados para as condições da entidade, a APCEF mudou-se para o centro da cidade:

49 - Sobre a presença dos sem-teto no pátio da CEF, ver “Caixa: banco social?”. Espaço ano II, nº 15, São Paulo, março/1988, p. 4; “FGTS: na mira da corrupção”. Espaço, ano VI, nº 31, março/1992, p. 6/7; “Sem-teto na Paulista”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 23/07/1992, p. 3-4; “Passeata deixa tráfego lento na av. Paulista”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 21/09/1994, p. 3-2. A APCEF também organizou, em algumas ocasiões, atividades culturais no pátio da CEF: ver “Desenhando o sete, o oito, o circo...” Espaço, ano VI, nº 33, S. Paulo, maio/1992, p. 8, sobre atividades lúdicas com crianças e “AIDS: já são 12 milhões de vítimas”. Espaço, ano VI, nº 36, dezembro/1992, p. 4/5, sobre psicodrama realizado no pátio da CEF, marcando a presença dos empregados da CEF na semana de prevenção à AIDS.

50 - M. ALVIM, op. cit.

“Há uma perda política em deixarmos a proximidade com o edifício da SUREG, ponto de maior concentração de empregados no Estado. Mas estamos juntos a outra concentração. A Praça da Sé, centro de São Paulo, é mais acessível aos associados da própria cidade e mesmo aos do interior que necessitem vir pessoalmente”

“A proximidade com a sede do Sindicato dos Bancários propiciará uma melhor integração nas lutas da categoria.” (51)

Com isso, foi possível mostrar a importância das manifestações da APCEF no pátio da CEF, na Avenida Paulista, ampliando ali a visibilidade da luta dos bancários e definindo um espaço alternativo para determinadas manifestações específicas à esfera do Estado, notadamente quanto à necessidade da destinação de recursos econômicos deste para demandas sociais legítimas, como no caso dos sem-teto e a questão da moradia.

3. PROFESSORES DA REDE ESTADUAL: PASSEATAS NA PAULISTA E ASSEMBLÉIAS NO VÃO LIVRE DO MASP

Por razões amplamente conhecidas e que não serão desenvolvidas aqui, ligadas fundamentalmente à sua proletarização, contemplada com baixíssimos salários e precárias condições de trabalho, os professores - notadamente os da rede estadual, que têm organizado continuamente movimentos de reivindicação de seus interesses frente à Secretaria da Educação e ao Governo do Estado - constituem o grupo social que nos anos mais recentes vem realizando as concentrações e passeatas mais numerosas da Avenida.

Os dados preliminares sobre as manifestações de rua dos últimos 4 anos, obtidos na sede da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APEOESP - , indicam um determinado padrão revelador de aspectos que ampliam a compreensão do papel político da Avenida Paulista, embora não tenha sido possível, pelo tempo disponível para a confecção desse relatório, realizar um levantamento que incluísse um contato com as lideranças do movimento.

51 - “A mudança da APCEF (quase voluntária...)”, op. cit.

As estratégias da APEOESP - entidade cinquentenária com um número crescente de associados em todo o Estado de São Paulo (passou de 19 mil em 1981 para 100 mil em 1993) - pressupõem a realização de várias e numerosas assembleias no decorrer do ano, onde são definidos os rumos do movimento, com a grande maioria delas ocorrendo na Praça da República, em frente ao prédio do Colégio Caetano de Campos, onde está localizada a Secretaria Estadual da Educação ⁽⁵²⁾. Algumas assembleias na Praça da República são seguidas de passeatas, seja para a Praça da Sé, embora também possam se dirigir ao Vale do Anhangabaú, como ocorreu durante as mobilizações pelo *impeachment*, em 1992 ⁽⁵³⁾.

Em momentos específicos do movimento, entretanto, vêm ocorrendo manifestações dos professores no vão livre do Masp, seguidas, na maioria das vezes, por passeatas que se dirigem à Caetano de Campos, tomando o trajeto Paulista/Consolação, ou em certos casos à Assembleia Legislativa, no Ibirapuera, tomando nesse caso o percurso Paulista/Brigadeiro Luiz Antonio. Com exceção das idas à Assembleia, onde há razões geográficas para se partir da Paulista ao invés do Centro, as demais são realizadas provavelmente pela necessidade de dar maior visibilidade ao movimento.

As fotos disponíveis atestam em geral um número grande de participantes: em 13/09/1991 o vão livre do Masp inteiro foi tomado, seguido de uma passeata que tomou uma via inteira da Avenida, no sentido da Brigadeiro Luiz Antonio; a Assembleia de 08/10/1991 tomou novamente todo o vão do Masp ⁽⁵⁴⁾.

Em 25/09/1992, época em que as manifestações se intensificaram com as mobilizações pelo *impeachment*, os professores da rede estadual em greve realizaram uma enorme assembleia no vão do Masp em 25/09, seguida de passeata em direção à Praça da República ⁽⁵⁵⁾.

52 - Ocorreram, na Praça da República, 9 concentrações em 1991, 12 em 1992 e 7 em 1993 (dados do arquivo de fotos da APEOESP (autoria de Regina VILELA, Norma ALBANO, José Luís da CONCEIÇÃO, Célio JR. e Niels ANDREAS).

53 - Dados do arquivo de fotos da APEOESP (fotos de Regina VILELA).

54 - Dados do arquivo de fotos da APEOESP (fotos de Regina VILELA).

55 - Dados do arquivo de fotos da APEOESP (fotos de Regina VILELA).

Em 1993, ano em que a luta do professorado foi extensa, com inúmeras assembléias e atos públicos na Pça. da República, na Avenida Tiradentes, em frente ao Palácio dos Bandeirantes e na Assembléia Legislativa (incluindo vigília e invasão a essa última), em quatro momentos também foram realizadas manifestações na Avenida Paulista:

- 1 - Em 20/08/1993, uma passeata que saiu à tarde da Praça da República - com um início tumultuado, em que a tropa de choque da polícia tentou impedir -, subiu a Consolação e tomou a Paulista, sendo que por volta de 30 mil sob o vão livre do Masp decidiram pela continuidade da greve, seguida da queima simbólica dos holleriths;
- 2 - Em 02/09/1993 ocorreu talvez a maior manifestação de uma categoria profissional na Avenida, com a presença de aproximadamente 100 mil professores, que em assembléia no vão do Masp decidiram novamente pela manutenção da greve, e seguiram depois em passeata para a Praça da República, tomando inteiramente a Avenida;
- 3 - Duas semanas depois (16/09/1993), outra manifestação nos mesmos moldes da anterior, embora menos numerosa, paralisou completamente a Paulista;
- 4 - Finalmente, em 02/10/1993, uma última assembléia no vão do Masp novamente interrompeu completamente o tráfego na Avenida, seguida de uma grande passeata à Assembléia Legislativa, três semanas antes da ocupação daquele local pelos professores (⁵⁶).

Sem entrar nas questões mais detalhadas acerca da história do movimento, pode-se dizer, quanto ao professorado da rede estadual, que constituem um grupo com forte tradição de manifestações numerosas no espaço público, sendo que embora o espaço tradicional de aglomerações seja a Praça da República, observa-se a partir do início dos anos noventa o crescimento de manifestações ocasionais mas expressivas no

⁵⁶ - Fotos do arquivo da APEOESP (20/08/1993: Norma ALBANO e Niels ANDREAS; 02/09/1993: Regina VILELA, José Luis da CONCEIÇÃO e Célio JR.; 16/09/1993: Regina VILELA; 02/10/1993: Regina VILELA).

vão livre do Masp, seguidas ou antecedidas por passeatas em direção à República ou à Assembléia Legislativa. A passeata de cem mil professores em setembro/1993, iniciada na Paulista, é um marco histórico do movimento.

No caso dessa categoria profissional, a utilização da Paulista não se deve à presença ali de alguma instituição com poder decisório na área da educação (diferente por exemplo dos bancários ou dos metalúrgicos, que se dirigem à FIESP), mas muito provavelmente pelo peso simbólico ligado à própria ocupação da avenida e o vão livre do Masp, tornando mais visíveis os problemas ligados ao exercício do magistério em São Paulo, e reforçando com isso o uso de seu espaço público como fórum de manifestações.

Antes de avançar na análise, é necessário mencionar a categoria dos metalúrgicos, cujas passeatas de reivindicação invariavelmente terminam em frente ao prédio da poderosa FIESP, e que com certeza imprimem um importante papel na utilização do espaço público da Avenida, mas que não puderam aqui ser devidamente investigados.

Cabe apenas citar sinteticamente duas afirmações que atestam essa influência: a primeira, uma passagem de Massimo Canevacci sobre o significado simbólico da Fiesp na Avenida, para quem "... a 'Paulista' parece, antes de mais nada, ter sido desenhada com a finalidade única de permitir que pontifique a nova pirâmide truncada do poder: a FIESP, isto é, a confederação local das indústrias, a organização dos industriais" (57); a segunda, a argumentação de Luiz Antônio de Medeiros, ex-presidente da Força Sindical e do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, de que "Tudo que é feito lá ganha maior visibilidade" (58).

VI. MANIFESTAÇÕES DOS ESTUDANTES PELO *IMPEACHMENT*: A REFERÊNCIA DA AVENIDA PAULISTA

As manifestações da sociedade civil por ocasião do *impeachment* do ex-presidente Collor, em 1992, representaram não somente o renascimento de um tipo de

57 - A cidade polifônica. Ed. Studio Nobel, S. Paulo, 1993, p. 144.

58 - M. BERGAMO, "O mundo da Paulista completa 100 anos num ritmo frenético". *Veja*, ano 24, nº 49, 04/12/1991, Ed. Abril, São Paulo, p. 25/26 (Caderno *Veja* S. Paulo). Ver também "Na contramão da recessão". *O Estado de São Paulo*, S. Paulo, 13/02/1992, p. 1, sobre passeata de metalúrgicos do centro da cidade à sede da FIESP. Ver também dados no Anexo 1.

manifestação pública que não havia desde a época do “movimento pelas diretas”, em 1984, como, por terem sido muitas vezes encabeçadas pelos estudantes, abriram toda uma discussão sobre a retomada de um papel de vanguarda por parte do setor estudantil, com uma ampla discussão sobre os novos perfis desses grupos e de sua atuação nas ruas, o papel desempenhado não somente por universitários como também pelos secundaristas, a polêmica influência desempenhada, na época, pela série televisiva “Anos Rebeldes” (TV Globo) - enfocando o movimento estudantil nos anos 60 sob a ditadura - , entre outros temas.

Seria impossível resgatar nos limites desse relatório os principais temas em jogo na trama do movimento que veio a ser chamado de “cara-pintadas”. Dentro dos objetivos desse relatório, procurarei resgatar como tal movimento se utilizou, em boa parte, da Avenida Paulista como espaço fundamental de visibilidade, cujas passeatas tiveram ressonância nacional e angariaram aos estudantes, ao lado das categorias profissionais já citadas, um papel de amplo destaque.

A crise da gestão Collor, já em 1991 - com ameaça de uma hiperinflação, acusações de vários focos de corrupção institucional, impotência do Congresso, etc. - , ocasionara o surgimento de um movimento - o “Opção Brasil” - , congregando entidades empresariais, sindicais e da sociedade civil. Este consolidou a necessidade de uma nova ética na ação política, buscando a superação da crise com a proposta de um programa desenvolvimentista com nítidas preocupações sociais, e pautando-se por ações inicialmente centradas no combate à corrupção, com a exigência de transparência na utilização dos recursos públicos na gestão do Estado e nas campanhas eleitorais ⁽⁵⁹⁾.

Lançado em ato público no teatro do Tuca em 11/11/1991, marcou a posição de importantes setores da sociedade, mas não veio a se tornar imediatamente um movimento de massa que ocupasse as ruas ⁽⁶⁰⁾.

Meses depois, já em agosto de 1992, o desenrolar na época dos trabalhos da CPI do caso PC fora o estopim para que o movimento da sociedade civil, antes tentado pelo

59 - Movimento Opção Brasil. Panfleto, 1991; Fernando Henrique CARDOSO, “Opção Brasil”, Folha de São Paulo, S. Paulo, 31/10/1991, p. 1-3.

60 - Chico CAPELLA, “Faltou povo nessa festa”. Visão, 20/11/1991, p. 12.

“Opção Brasil”, viesse a se concretizar, sendo então determinante o papel desempenhado pelos estudantes.

Uma passeata realizada em 11 de agosto - Dia Nacional dos Estudantes, da Faculdade de Direito São Francisco e do seu C. A. XI de Agosto -, convocada pela UNE e UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - pela “ética na política” e contra a política educacional do governo Collor, marcou o início do movimento.

Foi programada para se iniciar no vão livre do Masp e seguir em direção ao Centro, no Largo S. Francisco, onde seria realizado um ato público em homenagem ao dia da instituição dos cursos jurídicos no Brasil, e, ao mesmo tempo, para celebrar a ratificação de um convênio entre a Prefeitura Municipal e o CA XI de Agosto, voltado à prestação de serviço jurídico gratuito à população ⁽⁶¹⁾.

A passeata, que contou com aproximadamente 10 mil pessoas, marcou o início da volta dos estudantes às ruas, ganhando destaque da grande imprensa. Foi mencionado seu caráter de “festa” e “descontração”, com o carro de som tocando continuamente a música “Alegria, Alegria” (Caetano Veloso, 1968) - que naquela ocasião era a música que abria e fechava “Anos Rebeldes” (série já mencionada), reforçando assim a ponte do movimento com a série da Globo ⁽⁶²⁾ -, o repertório renovado de refrãos irreverentes, a participação de um grupo performático - o “Fábrica dos Sonhos” -, os jeans coloridos e os tênis de griffe, bandeiras da UNE, Ubes, CUT, CGT, PT e PC do B - incluindo uma faixa com paródia de um poema de Drummond

61 - Lídice SEVERIANO, “CPI leva estudantes às ruas”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 11/08/1992, s. p.

62 - Ver a respeito da relação das passeatas com a série “Anos Rebeldes”, o seguinte comentário: “A série talvez tenha contribuído para algumas frases de efeito, para a formatação e mesmo para um marketing das manifestações estudantis (a expressão Anos Rebeldes foi até mote de um panfleto da UNE), mas a substância dessas já estava dada. É verdade que, com a reabilitação do esquerdista dentro do repertório global - de alguma forma o repertório que detém o imaginário desta terra -, e com a sua promoção à condição de protagonista de novela, há um estímulo importante para que a juventude de consumidores/telespectadores sintam-se convidada ao heroísmo. É verdade também que a série influenciou bastante na maneira como a imprensa cobriu as manifestações estudantis pelo *impeachment*. Digamos que a série serviu de nome para o acontecimento; que ela supriu de repertório específico, e de ocasião, o idioma da imprensa para a designação de um acontecimento também de ocasião; que, a partir disso, o jornalismo ligou televisão e fato. Eu não iria além disso, embora a tentação de dizer que a realidade imita a arte seja irrecusável ultimamente. Quero crer que as manifestações da juventude aconteceriam com ou sem Anos Rebeldes, com variações em seu marketing, nos seus emblemas e, talvez, na sua animação. Mesmo assim, não me consta que se pintassem as caras nas passeatas da série da Globo. Estamos vivendo num tempo e num país em que os aposentados fazem passeatas e não há nenhuma minissérie sobre eles na televisão. As pessoas saem espontaneamente de suas casas com faixas e bandeiras pretas nas mãos e cor preta não é o fundo cromático da novela das oito. Ademais, as manifestações estudantis resultam também de uma mobilização específica, as secundaristas de modo mais destacado, que estão aí há anos lutando contra o aumento de anuidades e mensalidades. Embora enfraquecidas, a UNE (apesar de suas diretorias stalinistas) e outras entidades estudantis estavam enraizadas na rotina das escolas, mesmo que precariamente enraizadas” (Eugênio BUCCI. *O peixe morre pela boca*. Ed. Página Aberta, São Paulo, 1993, p. 152/153).

- , além de uma foto com uma estudante do colégio Oswald de Andrade com o rosto pintado (63).

Artigos na imprensa nos dias posteriores já apontavam um provável renascimento do movimento estudantil, comparavam-nos com os militantes dos anos 60, ressaltavam o apelo ético do movimento - o combate à corrupção e à impunidade , e frisavam a ausência de uma cultura de militância (64).

Na Folha de São Paulo o então presidente da UNE, Lindbergh Farias, defendendo a força do movimento, ressaltou a diversidade e irreverência, visíveis na passeata:

“Diversos os rostos. Desde os que usavam camisas de Che Guevara até os frequentadores assíduos dos shopping centers. Estudantes pesquisadores, bolsistas do CNPq, junto a metaleiros e skatistas. Todos, revoltados, pediam *impeachment* para o Presidente. Foi uma passeata do grito indignado de uma juventude que acredita na mudança do Brasil”

“O povo, nos ônibus e nas calçadas, acenava em sinal de apoio à nossa passeata. A irreverência da coreografia mostrava que a onda de ceticismo que abate alguns não atinge a juventude” (65).

No mesmo dia, outro artigo, no “O Estado de São Paulo”, dava espaço para Marco Aurélio Chagas Martorelli, presidente do CA XI de Agosto, centro acadêmico que já participara ativamente do movimento “Opção Brasil” e que desempenhava naquele momento importante estratégico papel na articulação do movimento estudantil. Sua análise situava o problemático quadro do ensino universitário, a precariedade das instituições de ensino universitário, o novo perfil de atuação dos estudantes e a importância da questão ética (66).

63 - Marcelo MENDONÇA, “Estudantes vão às ruas pelo impeachment”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 12/08/1992, p. 1-6; “Estudantes param a cidade contra Collor”. Diário Popular, São Paulo, 12/08/1992, p. 14; “12.000 na rua. Pelo impeachment”. Jornal da Tarde. São Paulo, 12/08/1992, p. 5; “Estudantes vão à rua contra Collor”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12/08/1992, p. 11; “Estudantes exaltam ‘anos rebeldes’ e fazem passeata”. O Globo, Rio de Janeiro, 12/08/1992, s. p.

64 - Ver Cláudia GIUDICE, “História revisitada” (entrevista com Judith Patarra). Veja, Ed. Abril, São Paulo, 12/08/1992, p.7/10; Vários autores, “As manifestações pró-impeachment apontam para o renascimento do movimento estudantil no país?”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 15/08/1992, p. 1-3; Renato Janine RIBEIRO, “Os novos rebeldes”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 16/08/1992, p. 1-3.

65 - Lindbergh FARIAS, “Nós apenas começamos”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 15/08/1992, p. 1-3.

66 - Marco Aurélio Chagas MARTORELLI, “O retorno dos rebeldes”, O Estado de São Paulo, S. Paulo, 15/08/1992, p. 2.

Seu depoimento - sem pretender esgotar outras visões possíveis - aponta como nasceu a idéia de se fazer a primeira passeata partindo da Paulista:

“... na primeira vez que surgiu essa história da passeata, aconteceu o seguinte: tinha ido eu, o Alexandre, o Fábio Bonini - que era Secretário Geral do Centro Acadêmico XI de Agosto -, o Lindberg, e o André Bezerra - o Lindberg era o Presidente e o André Bezerra era o Secretário de Comunicações da UNE, os dois do PC do B. A gente ia indo almoçar no “Livorno”, que é do lado da UNE. Aí a gente estava discutindo - isso era por volta de 6 ou 7 de agosto... Eu lembro muito bem desse almoço, eu rachei o bife, inclusive, com o André Bezerra, o bife à parmegiana, eu me lembro como se fosse hoje, sentamos na mesa do canto perto da vitrine. Quando a gente chegou, o Lindberg estava desesperado porque a situação política estava atingindo um nível insuportável, e a UNE precisava mostrar a que veio. E a gente já tinha organizado um seminário, uma ratificação do convênio de prestação de serviço jurídico gratuito à população junto com a Prefeitura de São Paulo. Isso era um mote principal dos atos do dia 11 de agosto. Nesse ano a Erundina ia revalidar o acordo, e como a gente tinha convidado, justamente por causa disso, outras pessoas do espectro da oposição para fazer um ato político, a gente falou: “Olha, eu não posso me ausentar lá porque eu vou estar recebendo a Prefeita, a gente vai ter a manifestação toda lá, a gente já tem uma programação agendada, não dá para a gente fazer uma coisa...” Daí o Lindberg veio com a idéia: “E se a gente fizesse uma passeata que fosse encontrar vocês lá?” Eu falei: “Tá certo, perfeito!” O Lindberg teve a idéia da passeata, agora que eu estou me lembrando, pode ser até que o Saron tenha dito isso também, porque o que aconteceu? Eu falei: “Lindberg, está certo, se você conseguir, a gente culmina a passeata lá, faz um ato conjunto, não tem problema nenhum, é muito bom que seja assim!”. “Tá certo, eu vou organizar essa coisa toda!”. Na manhã do dia seguinte, talvez na noite daquele dia, o Lindberg chegou e disse: “Pig - meu apelido -, eu já cheguei, eu já vou fazer a passeata, amanhã, no dia 11 de agosto, vão 10 ônibus direto do Masp até o Largo São Francisco!”. Eu falei, “Lindberg” - e a gente já tinha tido naquele ano um entreviro com a polícia na “peruada”⁽⁶⁷⁾, e eu já estava meio escaldado, inclusive o Governador Fleury veio pedir desculpas na Faculdade... Eu falei: “Lindberg, você já avisou a polícia que isso vai acontecer? Porque eu já estou cansado de levar borrachada!”. Ele falou:

67 - Ver “‘Peruada’ causa choque entre alunos e PM”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 19/10/1991, p. 4-3.

“Não precisa!”. Eu falei: “Lindberg, precisa!”. Naquela época o Fleury tinha acabado de fazer uma manifestação de que ele não queria nada na Avenida Paulista, coisa e tal, porque tinha acontecido uma passeata - se eu não me engano dos bancários ou dos motoristas da CMTC, acho que foi dos bancários - , e pararam a Paulista, e estava uma onda naquela semana, ou naquele mês, alguma coisa de duas ou três passeatas na Paulista que pararam a cidade. Aí o Fleury falou: “Não vai ter mais, na Paulista não! Vocês fazem onde vocês quiserem, mas não na Paulista!”. E como isso estava acabando de acontecer, eu falei para o Lindberg: “Eu vou fazer o seguinte, eu vou ligar para o Secretário da Justiça e te aviso daqui a pouco, me dá 10 minutos!” Aí eu liguei para o Secretário Manoel Alceu Afonso Pereira, falei: “Secretário, bom dia! Olha, de acordo com o artigo 5, inciso 35 - acho - , da Constituição Federal, estamos comunicando à autoridade competente - que é o que diz o texto da lei - que haverá uma manifestação pacífica e democrática na avenida Paulista até o centro de São Paulo...” Ele: “Marco Aurélio, você é louco? O Governador falou que não pode!” Eu falei: “Olha, eu estou sabendo na mesma hora que o Sr., só estou avisando que é para não ter mais borrachada!” Ele falou: “Tá bom, daqui a pouco eu te ligo!”. Daí ele desligou, me ligou de novo: “Está bom, o governador autorizou, não tem problema nenhum...”

Aí, a gente designou lá no XI de Agosto 2 ou 3 pessoas para acompanharem a passeata, para a gente ter um timing completo, para que quando a passeata chegasse, o ato já estivesse terminando - porque depois a passeata chega, fica aquela balbúrdia e a gente não consegue nem assinar o convênio, né? Então, foram duas pessoas, se eu não me engano foi o próprio Bonini e o Salinas, os dois do XI de Agosto. Aí eu falei: “Cada orelhão que vocês passarem, me dêem uma ligada”. Então quando eles chegaram lá na Paulista, eles falaram: “É, tem umas 5 mil pessoas aqui”. Eu falei: “Nossa Senhora! Então vai me ligando, que é para a gente...” “Olha estamos descendo a Brigadeiro, olha estamos chegando na 23 de Maio, olha...” Aí a gente foi organizando o timing, teve a cerimônia lá na Faculdade, e foi muito engraçado, porque a polícia acompanhava a passeata de estudante da UNE... Tinha um pessoal no microfone, no carro do som: “Agradecemos à Polícia Militar o apoio que...” E estava engraçado, porque o pessoal convidou o Lula para ir também, a gente já tinha convidado e eles ratificaram o convite para o Lula. E o Fleury, quando eu

estava lá, me ligou para almoçar. Foi tudo no mesmo dia. Então ia acontecer naquela época, o único Governador que eu acho que faltava aderir ao movimento dos governadores que estavam apoiando o movimento pelo *impeachment*, e o Fleury só não apoiou na época porque estava uma questão da rolagem da dívida paulista. Tanto que ele conseguiu, rolou a dívida, logo depois aderiu ... Quando aconteceu essa passeata, ficou um clima muito favorável da própria população, a gente sentia que estava faltando isso e que isso era um mote muito importante” (68).

Pressionado pelo início das manifestações, o presidente Collor convocou, em 13.08, que a sociedade brasileira saísse no domingo às ruas com as cores da bandeira, em apoio ao seu governo. Isso fez com que uma esmagadora maioria da sociedade brasileira fosse às ruas em todo o Brasil em protesto, trajando o preto junto ao verde-amarelo.

Em São Paulo as manifestações se deram em múltiplos locais e trajetos, envolvendo diversos organizadores: ato em frente ao Teatro Municipal (Sindicato dos Artistas), carreata saindo da Assembléia Legislativa rumo à Paulista, passeio pelo Parque Ibirapuera (UNE, PT, Sindicato dos Bancários), carreata saindo da Câmara Municipal rumo ao Ibirapuera (UNE, Sindicato dos Bancários), etc. (69).

Nesse dia a Avenida Paulista contou com a presença, após a chegada da passeata do Ibirapuera, de pelo menos 5 mil pessoas, sendo apontada pelo “O Estado de São Paulo” como ponto de convergência de passeatas e carreatas e principal local de protestos, que duraram das 13 às 19 h (70).

A propósito, a ampliação da participação social no movimento naquele domingo envolveu grupos aqui já trabalhados, como o Sindicato dos Bancários - que distribuiu no dia 500 camisetas pretas, além de ter cedido todos os seus carros de som para as passeatas e carreatas (71).

68 - Entrevista concedida em 11/07/1995.

69 - Ver “País se divide hoje na ‘batalha das cores’”. O Estado de São Paulo. S. Paulo, 16/08/1992, s. p.

70 - Ver “São Paulo protesta”. Jornal da Tarde, São Paulo, 17/08/1992, p. 5; “Dia de protesto veste São Paulo de preto”. O Estado de São Paulo, S. Paulo, 17/08/1992, p. 1 (Cidades); “São Paulo faz protesto espontâneo”. O Estado de São Paulo, S. Paulo, 7/08/1992, p. 5; “São Paulo protesta por mais de 7 horas”. Folha de São Paulo. S. Paulo, 17/08/1992, p. 1-7.

71 - Dado obtido na entrevista com G. CARNEIRO, op. cit.

A APCEF, que anteriormente já havia promovido atos públicos contra o governo Collor e denunciado a direção da CEF por Lafaiete Coutinho e Álvaro Mendonça como lesiva aos interesses do país e da própria Caixa, “abraçou” a sede da CEF na Paulista - que por ordem do governo exibia as cores verde e amarelo - com uma enorme faixa negra, no dia seguinte à manifestação:

“... se a gente tivesse dinheiro a gente encapava o prédio. A gente colocou uma faixa, e isso chamou muito a atenção da imprensa, a imprensa foi lá, ficou fotografando”

“... aquilo foi como um momento em que nós extravasamos e dissemos... foi, assim, o nosso “botando para fora”, vomitamos, extravasamos tudo aquilo com uma alegria, certo? Foi para nós extremamente alegre, a gente estava... todo mundo, assim, feliz de estar fazendo isso. E aí foi talvez, a última grande manifestação que a gente fez lá... “ (72)

Enquanto as manifestações se alastravam no país, nova passeata estudantil, organizada pela UNE e Ubes - e divulgada antecipadamente pela imprensa - , saiu do vão livre do Masp em direção à Praça da Sé em 25/08, contando com a marca histórica de 200 mil pessoas, segundo a PM, ou 350 mil, de acordo com os organizadores, que consagrou definitivamente o movimento (73):

“O Masp que era o nosso centro, o nosso ninho (74) . O perfil... era engraçado isso, o que era importante na Paulista é que o perfil do pessoal que estava lá era o perfil formador de opinião. O fato não só da Rede Globo, da Gazeta estarem lá, das rádios todas estarem lá, mas o público, as pessoas que estavam na Paulista repercutiam de uma maneira muito mais eficiente, talvez mais até que no centro mesmo.

‘Perg. : Em que sentido?’

72 - Entrevista com M. ALVIM, op. cit.

73 - Ver “Impeachment toma ruas de São Paulo”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 26/08/1995, p. 1-11 e “Estudantes pedem impeachment em SP”. Folha de São Paulo, S. Paulo, 26/08/1992, p. 1-14. Ao fim da tarde, outro grande ato público no Anhangabaú, com um público mais velho, contou com aproximadamente 80 mil pessoas.

74 - Ver C. RAMALHO, “Vigília pelo impeachment. No vão livre do Masp, dez jovens acampados”. Jornal da Tarde, São Paulo, 26/09/1992, p 2.

Porque o público que vai na Paulista já é formador de opinião, é um público que consome informação, é um público que multiplica informação. Quem trabalha na Paulista, quem vive e mora na Paulista é multiplicador. Todo esse cinturão - Paulista, Santos, a própria Pamplona, Brigadeiro Luís Antônio - é um centro multiplicador de opinião, um potencializador muito forte, é realmente uma artéria comunicativa do Brasil inteiro. Então, a gente sabia que ia ter repercussão, e foi bom porque as pessoas que estavam presentes, quer dizer, não foi só a mídia, a mídia encontrou um terreno fértil” (75).

Dado o expressivo número de participantes dessa passeata, várias matérias da grande imprensa tentaram circunscrever o perfil social dos estudantes presentes, já identificados então como “cara-pintadas”.

Matéria da “Veja” cujo título da capa era “As feras da Paulista - Quem são os estudantes que lideram as manifestações”, buscou esse perfil principalmente entre estudantes secundaristas de colégios de classe média - como Santa Cruz, Pentágono, Equipe e Oswald de Andrade - , apontando também alunos de colégios onde houve resistência por parte da direção para participar das passeatas - como o Dante Aleghieri, Bandeirantes ou Mackenzie - além de outros provenientes de colégios públicos - como o Caetano de Campos ou o Ermano Marchetti. Com menos destaque, também foi apontada a importância do público universitário, notadamente da USP e da PUC (76).

Outras matérias da época, embora apontassem uma diversidade de participantes, também davam um destaque mais pronunciado aos estudantes de classe média (77), compondo um perfil que deveria, segundo Marco Aurélio Martorelli, ser ponderado:

“Majoritariamente - não predominantemente, mas majoritariamente - eram secundaristas, certo? Na minha concepção, você tem que, realmente, relevar o perfil social. Então, tinha um secundarista de região carente e tinha o secundarista de

75 - Entrevista com M. A. C. MARTORELLI, op. cit.

76 - Amauri Barnabé SEGALLA e Iracy PAULINA. “Os rebeldes com causa estão na rua”. Veja. Ed. Abril, São Paulo, 09/09/1992, p. 12/17 (Caderno Veja São Paulo).

77 - Ver “A força da galera”. IstoÉ. São Paulo, 02/09/1992, p. 32/37; ver também “Os rebeldes com causa”. Visão, São Paulo, 02/09/1992, p. 7/10.

shopping Iguatemi, Morumbi. O problema é que é muito mais chique você capitalizar por esse sentido. Na verdade o jovem cidadão é o que consome, não é? Na sociedade liberal o cidadão é quem consome. Quem faz o consumo, quem que compra “Veja”? Quem que compra “IstoÉ” para se ver lá?

‘Perg.: Por exemplo, na matéria da Veja - “As feras da Paulista” - , eles enfocam os colégios mais centrais, de classe média. Aquilo não era o grupo mais representativo?’

De jeito nenhum, tinha muita gente do Caetano de Campos, tinha muita gente das escolas da Zona Leste, muita gente veio do interior também, e, do ponto de vista de universitários, tinha gente de todas as universidades, USP tinha bastante, PUC bastante, Mackenzie tinha bastante... Outros atores? É, sindicalistas, muito, o pessoal profissional de passeata, isso sempre tem...” (78)

Uma outra passeata, nos moldes da acima citada, numerosa mas bem menos expressiva, com aproximadamente 20 mil pessoas, antecedeu à votação vitoriosa do *impeachment* (79). Apesar do prestígio adquirido, nenhuma outra manifestação estudantil posterior resgatou parte da mesma força então observada, cujo palco da Paulista, ponto de partida de todas elas, constituiu um espaço privilegiado.

VII. CONCLUSÕES

As conclusões do presente relatório estão em boa parte contidas nos fechamentos de cada item, cabendo agora um breve sumário.

O primeiro aspecto a ressaltar é que a ocupação política do espaço da Avenida para manifestações, já mencionada em várias ocasiões na imprensa e aqui confirmada em vários depoimentos, pode ser constatada de forma irrefutável em termos numéricos, comprovando-se sua importância na cartografia de manifestações políticas na metrópole de São Paulo.

78 - M. A. C. Martorelli, op. cit.

79 - Segundo M. A. C. Martorelli, op. cit.

Um dos fatores estratégicos da ocupação, e que colabora muitas vezes na construção da visibilidade de quem ocupa a avenida, é a interferência, parcial ou integral, no trânsito da cidade. Esse aspecto, entretanto, talvez seja o que mais concorra contra os próprios movimentos, não somente do ponto de vista de quem trabalha ou mora na própria Avenida, mas de outros prejudicados em regiões próximas, dado o impacto que uma interrupção pode representar. Com isso, também cresce na opinião pública um sentimento negativo da população contra tais paralisações. O equacionamento técnico da CET sobre o problema é prova de que o problema existe e que pode ser alvo no futuro de alguma resolução pública.

A junção de levantamentos anteriores com as estatísticas disponíveis na CET permitiram avaliar, em distintos graus de profundidade, a importância de alguns grupos sociais fundamentais na construção da esfera da cidadania na Paulista, entre os quais os bancários, os empregados da CEF (recentemente também bancários), os professores da rede estadual, os metalúrgicos e os estudantes secundaristas e universitários. Cada um desses grupos tem distintos papéis na construção da cidadania na Avenida.

Para a categoria dos bancários há uma ocupação das ruas que se inicia a partir de 1985, e que se estrutura com maior força no centro da cidade, com um papel fundamental desempenhado pelas comissões de esclarecimento durante as greves da categoria. Aos poucos a Avenida Paulista - cujos bancários, como vimos, compõem um dos perfis mais típicos do local - passa também a constituir um importante espaço de manifestações (principalmente a partir da virada dos anos 80 para a atual década), embora não seja o principal espaço de atuação sindical. De todo o modo, eles constroem ali uma utilização para protestos que se alastra por toda a Avenida, dada sua característica predominante de centro financeiro.

No caso dos empregados da Caixa Econômica Federal - tornados há uma década bancários, com uma vida sindical que se inicia também a partir de 1985, época da retomada do sindicalismo bancário como um todo -, vimos que sua importância se deve primeiro ao fato de se unirem e incorporarem as ações sindicais dos bancários, mas também por desenvolverem um conjunto de manifestações no pátio da Sede

Regional, ao lado de onde ficou, por alguns anos, sua Associação, o que não só deu visibilidade importante às suas próprias demandas, como também instituiu ali o hábito de manifestações de grupos cuja busca de interlocução é com o Estado, como no caso dos sem-teto.

Quanto aos professores da rede estadual, vimos como se trata de um grupo com forte tradição de manifestações, e constatamos que o principal espaço de reunião continua sediado na Praça da República - em frente ao Colégio Caetano de Campos, onde funciona a Secretaria Estadual de Educação-, sendo que em determinadas fases a Paulista é utilizada principalmente para dar maior visibilidade ao movimento, já que ali não há nenhuma instância decisória na área educacional. Nesse caso os professores a utilizam de forma ampliada como diversos outros grupos realizam de forma mais esporádica e reduzida: como fórum de manifestações.

Após esse levantamento inicial, que não pretendeu ser definitivo - uma vez que ficou sem analisar detidamente outros grupos significativos, como os metalúrgicos, os sem-teto ou os funcionários da Saúde - a análise centrou-se num movimento recente: as manifestações de rua dos estudantes em torno do *impeachment*, que revelou um novo perfil de atores sociais, de modos de manifestação, de objetivos éticos e políticos, e que teve na Avenida Paulista um importante espaço de aglutinação, conferindo-lhe uma visibilidade nacional. Embora as passeatas se destinassem ao centro, boa parte do destaque dado pela imprensa foi concedido à Avenida Paulista.

Entre os pontos de aglutinação na própria Avenida constatamos alguns privilegiados como o vão livre do Masp - sem dúvida o mais procurado pelos movimentos -, a frente do prédio da Gazeta - tradicional espaço de comemorações esportivas, de manifestações de estudantes universitários e de movimentos que buscam alguma visibilidade por parte da TV -, o pátio da CEF, já referido acima, além da sede da Fiesp, a ser melhor investigado.

Vimos, por um lado, como a Paulista não deve ser vista como o principal espaço de manifestações da cidade - como no caso dos bancários ou professores. Embora

muitas manifestações restrinjam-se somente ao seu espaço, deve-se evitar vê-la como uma totalidade fechada, uma vez que boa parte das passeatas, principalmente as mais numerosas, tem a Paulista como ponto de partida ou de chegada (ou, em algumas poucas vezes, apenas como passagem).

Por outro lado, deve-se levar em conta que seu eixo, incorporando no caso a continuação pela Avenida Dr. Arnaldo, tem um peso determinante no conjunto de manifestações, ao reunir muitas instituições com poder e peso simbólico na cidade. Independente de se verificar muitas das manifestações ainda no centro tradicional, pode-se conjecturar se essa forma de manifestação não estaria crescendo, ainda que sofrendo recentemente resistências de parte da população. Outra hipótese muito provável, mas que mereceria uma averiguação, seria a de que, embora a Paulista registre menos manifestações que no centro tradicional, elas teriam uma repercussão e visibilidade maiores através da televisão, rádio e jornais.

Outra constatação é a de que boa parte das manifestações guardam relação com categorias profissionais que passam a ocupá-la principalmente durante a segunda metade dos anos 80, - bancários, empregados da CEF, professores - , somando ainda os funcionários públicos, médicos residentes, taxistas, metroviários e outros vinculam esse espaço irrefutavelmente aos profissionais do setor terciário, área que mais cresce na recente modernização da estrutura empregatícia brasileira, sem falar da presença dos metalúrgicos - que não deixam de ser uma espécie de vanguarda moderna no setor secundário - , além das minorias, movimentos de moradores, etc.

Finalmente, pode-se também afirmar que a Paulista deu visibilidade privilegiada aos diversos setores que saíram às ruas pelo *impeachment*, com destaque ao setor estudantil secundarista e universitário, mas com um perfil distinto da época da ditadura militar - mais diversificado, com um perfil inter-classes cuja participação das classes médias foi ressaltado pela imprensa, norteado por questões de cunho sobretudo ético - , consolidando-se assim como um dos espaços públicos mais conectados às transformações recentes observadas na sociedade brasileira.

ANEXOS

ANEXO 1

MANIFESTAÇÕES NA AVENIDA PAULISTA (01/06/1992 A 31/05/1993) (1)

Julho/92:

Manifestação da Federação das Mulheres da Baixada Santista, em prol dos estivadores, 350 pessoas (em frente à Gazeta)

Manifestação dos Sem Terra, 6 mil pessoas

Agosto/92:

Manifestação dos Estudantes da Cásper Líbero e Objetivo, contra aumento da mensalidade (em frente à Cásper Líbero)

Carreata

Manifestação dos Estudantes da Cásper Líbero, contra aumento das mensalidades (em frente à Cásper Líbero)

Passeata contra o Governo Federal - Estudantes (impeachment), 10 mil pessoas

Carreata contra o Governo Federal - Estudantes (impeachment)

Manifestação dos Idosos, 200 pessoas (em frente ao prédio da Justiça Federal)

Passeata em direção à Paulista (vão livre do Masp), 600 pessoas

Carreata em direção à Paulista

(2)

1 - Baseado em informações disponíveis no "Relatório teste - manifestações (período de 01/06/1992 a 31/05/1993): local Paulista". Companhia de Engenharia de Tráfego - CET. São Paulo, 1993 e "Relatório teste - manifestações (período de 01/06/1992 a 31/05/1993): destino Paulista". Companhia de Engenharia de Tráfego - CET. São Paulo, 1993. Inclui em alguns casos informações complementares, que dispunha através de outra fonte.

2 - Curiosamente não consta nos dados da CET a passeata com 200 mil pessoas, de 25/08/1992.

Setembro/92:

Manifestação Pró-Candidato do PMDB à Prefeitura

Passeata Pró-*Impeachment*

Passeata dos Professores da Rede Estadual (saída do vão do Masp)

Carreata Professores Ensino Estadual

Passeata de Mulheres Pró-*Impeachment*, 500 pessoas (saída da frente ao prédio da Gazeta)

Passeata

Passeata pró-impeachment em direção à Paulista (prédio da Cásper Líbero)

Outubro/92:

Manifestação (em frente ao prédio da Gazeta)

Passeata de Grupo Evangélico, 700 pessoas

Carreata do Candidato do PT à Prefeitura, 50 veículos

Passeata do Candidato do PT à Prefeitura, 40 pessoas, 1 veículo

Carreata de Taxistas em direção à Paulista (prédio da Gazeta), em prol da "Rota", 300 pessoas

Novembro/92:

Carreata de Taxistas, em protesto pela morte de 4 taxistas, 15 veículos

Manifestação Pró Candidato do PT à Prefeitura

Manifestação Pró-Candidato do PPR à Prefeitura

Comemoração da Vitória de Maluf à Prefeitura (no vão livre do Masp)

Carreata em direção à Paulista

Fevereiro/93

Carreata Pró-Fusca

Passeata Contra o Fechamento do Hospital Matarazzo

Passeata de Moradores do Jardim Etelvina, em protesto contra a COHAB

Manifestação

Passeata de Bancários, em direção ao pátio da CEF

Passeata de Funcionários da TV Manchete (saída do vão livre do Masp)

Carreata de Bancários em direção à Paulista (pátio da CEF)

Março/1993

Carreata de Metalúrgicos, 92 carros

Passeata contra a carestia, 300 pessoas

Manifestação contra a construção de barragem pela CESP, 300 pessoas (no vão livre do Masp)

Passeata de Estudantes, contra o aumento das mensalidades, 10 mil pessoas

Passeata do Movimento Negro, 30 pessoas (saída do vão livre do Masp)

Abril/93

Manifestação de Estudantes da Cásper Líbero, contra o aumento das mensalidades, 100 pessoas (em frente ao prédio da Cásper Líbero)

Passeata em direção à Secretaria de Abastecimento do Estado de São Paulo, 300 pessoas (início no vão livre do Masp)

Passeata em direção ao pátio da CEF, 300 pessoas

Passeata em direção à Secretaria Municipal das Administrações, 300 pessoas

Passeata da UNE, em direção ao Ministério da Educação (início no vão livre do Masp)

Passeata de Mulheres e Crianças, em direção à Câmara Municipal, 150 pessoas (início em frente ao prédio da Gazeta)

Passeata de bancários em direção à Paulista (pátio da CEF), 300 pessoas

Maio/93

Passeata do Grupos dos “carecas”, 60 pessoas (início na esquina da Consolação com a Paulista, em direção à Praça da Sé)

“Carreata” de Motociclistas, 50 motos (início na esquina da Augusta com a Paulista)

Passeata de estudantes (saída do vão livre do Masp)

Passeata de metroviários, 250 pessoas (saída da esquina da Paulista com a Frei Caneca)

Passeata do Movimento Negro, 250 pessoas

Passeata por melhores condições nos manicômios, 50 pessoas (do vão livre do Masp ao prédio da Gazeta)

Passeata dos Funcionários Públicos Estaduais, 5 mil pessoas (início no vão livre do Masp)

Passeata dos Funcionários da Saúde, 300 pessoas (início no vão livre do Masp).

ANEXO 2

MANIFESTAÇÕES NA AVENIDA PAULISTA (01/01/1995 A 31/05/1995) (1)

Janeiro/95

“Operação tartaruga” do Sindicato dos Condutores, incluindo a Paulista

Passeata dos Funcionários da Secretaria da Cultura, em protestos pelas medidas do Governo Covas, 400 pessoas

Fevereiro/95

Passeata, 50 pessoas

Passeata da Federação das Mulheres Paulistas, 100 pessoas

Passeata dos Funcionários da Secretaria da Educação, 300 pessoas

Carreata, 30 veículos

Março/95

Manifestação de Bancários, 20 pessoas

Manifestação, 150 pessoas

Manifestação, 20 pessoas

Passeata dos Residentes da Faculdade de Medicina, 400 pessoas (início no vão livre do Masp, em direção ao Hospital das Clínicas)

1 - Dados gentilmente coletados por Celso Buendia no Relatório Diário de Operações - Ocorrências Notáveis (janeiro-maio/1995). Companhia de Engenharia de Tráfego - CET. São Paulo.

Abril/95

Passeata de Professores da Rede Estadual, 9 mil pessoas (início no vão livre do Masp, em direção à Praça da República)

Passeata dos Funcionários do Hospital das Clínicas, 700 pessoas (início no vão livre do Masp, em direção à Secretaria da Saúde, na Bela Cintra)

Passeata de Professores da Rede Estadual, 3 mil pessoas (início no vão livre do Masp)

Manifestação da Associação dos Vigilantes, 600 pessoas (com piquetes pelos bancos da região)

Manifestação da Associação dos Vigilantes, 20 pessoas

Mairo/95

Passeata dos Funcionários da Saúde, 200 pessoas

Passeata dos Funcionários da Saúde, 50 pessoas

RELAÇÃO DOS RELATÓRIOS PUBLICADOS PELO NPP:

SÉRIE RELATÓRIOS DE PESQUISA - 1995

Proteção do Consumidor: um Estudo Comparativo Internacional
Gisela Black Taschner

Reconstruindo o Estado: Gestão de Organizações e Serviços em Processo de Mudança
Marta Ferreira Santos Farah

A Economia Política da Corrupção : o Escândalo do Orçamento
Marcos Fernandes Gonçalves da Silva

Parques e Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica
José Carlos Barbieri

Regiões Metropolitanas Brasileiras: Índices de Diferenciação
Anita Kon

As Atividades Culturais no Eixo da Avenida Paulista
Heitor Frugoli Junior

O Ensino da Psicologia no Curso de Administração: como Trabalhar em Pequenos Grupos Favorecendo a Relação de Equipes
Ideli Domingues

Cultura da Vizinhança: Identidade Individual e Vida Urbana
Marina Heck

Sistema de Informações para a Gestão Ambiental
José Delazaro Filho

Análise da Contribuição da Revista de Administração (1947-1992) na Evolução do Campo de Conhecimento em Administração Pública
Tânia Margarete Mezzomo Keinert

O Emprego na Teoria Econômica
Domingo Zurron Ocio

A Ética na Propaganda
Maria Cecília Coutinho de Arruda

Terceirização em Informática
Jaci Correa Leite

Como Decidem os Administradores Financeiros sobre Custo e Estrutura de Capital das Empresas no Brasil
William Eid Júnior

Encomendas: Livraria Prefeito Faria Lima

Av. Nove de Julho, 2029 - Térreo

01313-902 São Paulo SP Brasil
